

A GENEALOGIA MATERNA E O CORPO GRÁVIDO

Paola Ramos Ladeira (Mestranda em Ciência da Literatura, UFRJ)

RESUMO

O presente artigo busca apresentar as tensões propostas por um poema de Adélia Prado entre a tradicional linhagem genealógica e uma genealogia materna que lança a mulher para o centro do debate. Pretende-se com isso demonstrar o feminino como uma fonte de transmissão de saberes. Autores como Judith Butler e Peter Sloterdijk são recorrentes no debate como forma de suporte teórico para o desenvolvimento das questões que surgem, como a concepção de útero e do corpo grávido.

Palavras-chave: Genealogia, gravidez, útero, corpo, feminino.

ABSTRACT

The present article seeks to present the tensions proposed by a poem by Adélia Prado between the traditional genealogical lineage and a maternal genealogy that throws women to the center of the debate. It is intended to demonstrate the feminine as a source of knowledge transmission. Authors such as Judith Butler and Peter Sloterdijk are recurrent in the debate as a form of theoretical support for the development of issues that arise, such as the conception of uterus and the pregnant body.

Keywords: Genealogy, pregnancy, uterus, body, female.

LINHAGEM

Minha árvore ginecológica
me transmitiu fidalguias,
gestos marmorizáveis:
meu pai, no dia do seu próprio casamento,
largou minha mãe sozinha e foi pro baile.
Minha mãe tinha um vestido só, mas
que porte, que pernas, que meias de seda mereceu!
Meu avô paterno negociava com tomates verdes,
não deu certo. Derrubou mato pra fazer carvão,
até o fim de sua vida, os poros pretos de cinza:
'Não me enterrem na Jaguará. Na Jaguará, não.'
Meu avô materno teve um pequeno armazém,
uma pedra no rim,
sentiu cólica e frio em demasia,
no cofre de pau guardava queijo e moedas.
Jamais pensaram em escrever um livro.
Todos extremamente pecadores, arrependidos
até a pública confissão de seus pecados
que um deles pronunciou como se fosse todos:
'Todo homem erra. Não adianta dizer eu
porque eu. Todo homem erra.
Quem não errou vai errar.'
Esta sentença não lapidar, porque eivada
dos soluços próprios da hora em que foi chorada,
permaneceu inédita, até que eu,
cuja mãe e avós morreram cedo,
de parto, sem discursar,
a transmitisse a meus futuros,
enormemente admirada
de uma dor tão alta,
de uma dor tão funda,
de uma dor tão bela,
entre tomates verdes e carvão,
bolor de queijo e cólica. (PRADO, 2015, p. 107)

É mister salientar uma linhagem ginecológica advogada pela poeta Adélia Prado, sobretudo no poema “Linhagem”, no sentido de deslocar a origem materna para o centro do debate. Na ordem do corpo, o poema resgata uma economia diferenciada em relação à gestão relacional de integrantes familiares: há uma rotatividade entre a linhagem consanguínea proposta no título – linhagem, sem adereços, tomado em seu sentido mais padrão – e a organização sociocultural advinda do referente comum a todo ser humano: vir ao mundo através de uma mãe, o que Adélia chama de “árvore ginecológica” logo no primeiro verso do poema. Geralmente

chamada de árvore genealógica, a árvore ginecológica propõe um jogo entre *genus* e *gynae* num confronto de pares opostos em que se estabelece uma prática totalmente diferente do ponto de vista semântico. Segundo o Dicionário etimológico de Latim para o Português da Porto Editora, *genus, generis* correspondia ao nascimento, à raça, à origem, ao tronco – o mesmo que nos conduzirá à palavra genética – e *logia* viria do grego *logos*, significando conhecimento, ciência. Nesse sentido, genealogia seria o estudo dos progenitores e descendentes de uma pessoa por meio do aparato genético. Por sua vez, ginecologia vem do latim *gynaecologia*, tomada do grego *gyne*, que significava mulher, e *logia*, mesmo caso anterior, designando, nessa perspectiva, a especialidade médica responsável pelo aparelho reprodutor e pela saúde íntima da mulher. Pois o que se vê a partir disto é que a simbologia da árvore busca estabelecer conexões entre os indivíduos, formando uma comunidade organizada por meio de uma certa regra, a qual Adélia Prado busca situar no campo materno, resgatando esta origem comum. A questão é que, de modo não excludente, as diferentes economias se tensionam ao longo da micronarratividade interna ao poema:

Esta sentença não lapidar, porque eivada
dos soluços próprios da hora em que foi chorada,
permaneceu inédita, até que eu,
cuja mãe e avós morreram cedo,
de parto, sem discursar,
a transmitisse a meus futuros,
enormemente admirada
de uma dor tão alta,
de uma dor tão funda,
de uma dor tão bela,
entre tomates verdes e carvão,
bolor de queijo e cólica.

Segundo os estudos feitos por Judith Butler, em *Problemas de gênero*, a expressão alcunhada por Simone de Beauvoir – "A gente não nasce mulher, torna-se mulher" – junto de seus estudos a favor da representatividade feminina, vão ao encontro da possibilidade de coabitação discursiva entre o feminino e o masculino, de modo que há possibilidades de sua representação, embora o feminino seja o único gênero marcado e corresponda ao outro ao passo em que o gênero masculino seja universal.

Para Beauvoir, o "sujeito", na analítica existencial da misoginia, é sempre já masculino, fundido com o universal, diferenciando-se de um "Outro" feminino que está fora das normas universalizantes que constituem a condição de pessoa, inexoravelmente "particular", corporificado e condenado à imanência. [...] Beauvoir propõe que o corpo feminino deve ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora. (BUTLER, 2003, p. 31-32)

Se do ponto de vista das linhagens o poema vai ao encontro do preceito defendido por Beauvoir, à luz do corpo feminino a liberdade da mulher não se realiza. Os versos seis e sete do poema "Linhagem" apontam para isso: "Minha mãe tinha um vestido só, mas/ que porte, que pernas, que meias de seda mereceu!". O corpo feminino, aqui, demarca claramente o que Butler pontua como o contrário da liberdade incorpórea do masculino, chamando atenção justamente para essa relação subjugada da mulher como um corpo.

Essa associação do corpo com o feminino funciona por relações mágicas de reciprocidade, mediante as quais o sexo feminino torna-se restrito ao seu corpo, e o corpo masculino, plenamente renegado, torna-se paradoxalmente, o instrumento incorpóreo de uma liberdade ostensivamente radical. (BUTLER, 2003, p. 31)

Ainda na ordem do poema, ao que concerne à transmissão da sentença – "Todo homem erra. Não adianta dizer que eu/ porque eu. Todo homem erra./ Quem não errou vai errar." – é preciso salientar que decorre a partir de sua pronúncia pela voz poética, que é feminina, mas se amparando entre os elementos que inicialmente caracterizavam os donativos acumulados para posterior herança de seu avô paterno e seu avô materno, o que reforça a possibilidade de leitura da inserção de uma nova linhagem que não forma um par opositor com a tradicional, a masculina, ou que seria contrária a uma economia do sangue, mas que, antes, desloca o referente comumente centralizado nos estudos antropológicos – um patriarcado¹, a herança submetida ao nome do pai, os fidalgos elipsados no poema adiliano em análise – para dar visibilidade à origem comum materna, revogando um espaço muitas vezes ocultado.

1 Judith Butler em *Problemas de gênero* aponta para o problema de se universalizar o patriarcado, o que justifica o uso do pronome indefinido. (vide páginas 20 e 21)

Minha árvore ginecológica
me transmitiu fidalguias,
gestos marmorizáveis:

Para Judith Butler, não é possível uma relação representável entre feminino e masculino a partir de uma economia em que o masculino corresponda ao significante e ao significado – a referência poética ao léxico “homem” infere esta relação de masculino enquanto o gênero universal. Precisamos, então, observar o que este gesto de resgate nas aderências da semantização materna torna possível, e para tal iremos recorrer a Peter Sloterdijk, em sua trilogia *Esferas*, para esmiuçar o que o mesmo atribui ao seio materno e a sua concepção de linhagem.

Certa feita Peter Sloterdijk introduz o conceito de linhagem em sua teoria da intimidade diádica, de modo a explicar sua consideração nas populações sedentárias dos primeiros povos e cidades, justificando uma necessidade de identificação que se estabeleceu a priori a partir do ideário de parentesco veiculado à ideia dos mortos territorializados. Interessa, em primeira instância, observar como os corpos, ainda que mortos, servem como sedimentos básicos para a formação cultural das mais remotas sociedades documentadas. E que, junto aos corpos humanos, o solo dará conta de uma necessidade de organização. E ele segue:

Assim como o destino significa incapacidade de revanche, parentesco significa a conexão ordenada de jovens com adultos e de adultos com antepassados fixados ao solo. Nas primeiras colônias, em que ser significava geralmente estar emparentado, e existir, proceder de uma linhagem, os seres humanos aprenderam a dizer de que seio materno procederam e em que relação estavam com as mães e os solos. (...) Com o giro até o imperativo genealógico da razão e da atribuição, o seio materno, junto com seu portal e sua entrada, foi submetido a uma mudança transcendental de significado: desde então já não é só o ponto de partida de todos os caminhos do mundo, senão também o fim das grandes viagens de regresso que irão ser empreendidas ao interesse de algo que se fará urgente: a busca dos antepassados, a pergunta pelos mortos e o renascimento; em honra da autoidentificação, em uma única palavra. Para os vivos inquietos o seio materno se converte no lugar da verdade; se impõe tanto a seu pensar como aos seus desejos como o mais íntimo “ali” onde o mortal pode buscar algo; o que lhes espera ali é nada menos que a inteligência de sua própria identidade. (Nossa tradução²)

2 “Así como el destino significa incapacidad de revancha, así significa parentesco la conexión ordenada de jóvenes com mayores y mayores con antepasados fijados al suelo. Em las primeras colonias, en las que ser significa generalmente estar-emparentado, y existir, proceder de um linaje, los seres humanos han de aprender a decir de qué seno materno proceden y en qué relación están con las madres y los suelos.(...) Con el giro hacia el imperativo

De modo sintético, a tríade sloterdijkiana que sustenta uma reconfiguração do seio materno como lugar de saída para o lugar de regresso, e mesmo de entrada, é composta pela busca pelos antepassados, a pergunta pelos mortos e o renascimento. Segundo o mesmo, estes elementos conformariam a própria identidade. Respeitadas as devidas equidistâncias, a poética adeliãna irá se erguer a partir de um substrato semelhante: a tríade morte, sexo e deus³, e para tal, irá revogar o espaço feminino dentro das articulações cotidianas. Esses são os elementos formadores de sua identidade. Contudo, pensar em identidade embasados na leitura de Judith Butler nos conduz para uma emergência de identidades:

(...)há o problema político que o feminismo encontra na suposição de que o termo mulheres denote uma identidade comum. Ao invés de um significante estável a comandar o consentimento daquelas a quem pretende descrever e representar, mulheres – mesmo no plural – tornou-se um termo problemático, um ponto de contestação, uma causa de ansiedade. [...] A noção binária de masculino/ feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade. (BUTLER, 2003, p. 20-21)

Quiçá pela percepção do referido acima, alguns críticos utilizam-se de termos incorporados da lexicografia do corpo grávido para falar da poética adeliãna. Destaco dois: Affonso Romano de Sant’Anna, que na nona edição dos *Cadernos de Literatura Brasileira* menciona uma força uterina para falar de Adélia Prado e Frei Betto que no ensaio *Adélia nos prados do Senhor* escreve ser ela uma “poeta em estado de gravidez permanente”. Sempre grávida. Populosa. Em estado de abertura para o outro. Sempre em partilha. Assim se poderia entender a

genealógico de la razón y de la atribución, el seno femenino, junto con su portal y su entrada, fue sometido a un cambio trascendental de significado: desde entonces ya no es solo el punto de partida de todos los caminos del mundo, sino también el término de los grandes viajes de regreso que han de ser emprendidos en interés de algo que se há hecho urgente: la búsqueda de antepasados, la pregunta por los muertos y el renacimiento; en honor de la autoidentificación, en una palabra. Para los vivos inquietos el seno materno se convierte en el lugar de la verdad; se impone tanto a su pensar como a sus deseos como el más íntimo <<ahí>> donde el mortal puede buscar algo; lo que les espera ahí es nada menos que la inteligencia de su propia identidad.” (SLOTERDIJK, 2009, p. 253).

3 “e dizer sem soberba ou horror:/ é em sexo, morte e Deus,/ que eu penso invariavelmente, todo dia./ É na presença d’Ele que não é pudico/ e não se ofende com as posições no amor.” (PRADO, 2015, p. 59-60).

gravidez não apenas como o potencial para o parto, mas antes como o processo, o meio, de modo a transladar a decodificação para a de uma escritora capaz de manter-se na tensão que é a habitação do outro em si por meio da escrita, o que é revogado no próprio poema em questão ao se conjecturar a transmissão em moldes de herança de uma sentença textual:

Esta sentença não lapidar, porque eivada
dos soluços próprios da hora em que foi chorada,
permaneceu inédita, até que eu,
cuja mãe e avós morreram cedo,
de parto, sem discursar,
a transmitisse a meus futuros

Todavia, essa relação de transmissão, saliente em todo o poema, reaviva-se na lexicografia da gravidez e aponta para uma função reprodutiva que Butler, ao esmiuçar os estudos de Monique Wittig, destaca como sendo uma suposta caracterização das mulheres.

Em *The Lesbian Body* ["O corpo lésbico"], como em outros escritos, Wittig parece discordar contudo de uma sexualidade genitalmente organizada *per se* e evocar uma economia alternativa dos prazeres, a qual contestaria a construção da subjetividade feminina, marcada pela função reprodutiva que supostamente distingue as mulheres. Aqui a proliferação de prazeres fora da economia reprodutiva sugere uma forma especificamente feminina de difusão erótica, compreendida como contra-estratégia em relação à construção reprodutiva da genitalidade. (BUTLER, 2003, p. 50-51.)

Partindo deste pressuposto, o enquadramento da poética adeliana pela crítica dentro de uma bolha uterina corresponderia a um gesto estereotipante e negativo. Contudo, ainda que o gesto julgue apequenar, o corpo grávido apresentado por críticos lança luz à proposta de genealogia materna a partir da árvore ginecológica adeliana e corrobora com aquilo que Sloterdijk dita em *Esferas*, que "todas as árvores da sabedoria têm suas raízes no interior feminino" (Nossa tradução⁴).

4 "Todos los árboles de la sabiduría tienen sus raíces en el interior femenino." (SLOTERDIJK, 2009, p. 253)

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Tradução de Magda Guadalupe dos Santos e Sérgio Murilo Rodrigues. *Sapere Aude*. BH, v.6, n.11, p. 12-16, 1º sem. 2015.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

Dicionário Houaiss Conciso. Instituto Antônio Herculano Houaiss. São Paulo: Moderna, 2011.

Dicionário de Latim – Português. Dicionários editora, 3 ed. Porto: Porto Editora, 2008.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: Cosacnaify, 2013.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I. Burbujas: Microferología**. Madrid: Ediciones Siruela, 2009.